

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Línguas, Artes e Literaturas



HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA
Línguas, Artes e Literaturas

Editores: Mônica Cidele da Cruz
Isaías Munis Batista
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira

Capa: Mandala Mandala “Diversidade Cultural” da artista plástica Judite Malaquias.

Diagramação: Layout Gráfica Digital - Cáceres/MT

Revisão Ortográfica: Gráfica e Editora Sanches Ltda

CONSELHO EDITORIAL

Adailton Alves da Silva - UNEMAT
Angel Corbera Mori - UNICAMP
Antônio Malheiros – UNEMAT
Carlos Edinei de Oliveira - UNEMAT
Eunice Dias de Paula - SEDUC/CIMI
Jaime José Zitkoski – UFRGS
João Severino Filho - UNEMAT
Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira - UNEMAT
Lúcia Helena Alvarez Leite - UFMG
Lucimar Luísa Ferreira – UNEMAT
Maria Aparecida Bergamaschi - UFRGS
Maria Aparecida Rezende - UFMT
Mônica Cidele da Cruz - UNEMAT
Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira - UNEMAT

Online - e - Impresso

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C397h Centurion, Rejane.
História da Língua Portuguesa / Rejane Centurion e
Milena Borges. – Cáceres: Layout Gráfica, 2021.
48. p. (Línguas, Artes e Literatura).

ISBN 978-65-00-25133-3

1. Língua Portuguesa. 2. Português Brasileiro. 3.
Léxico. I. Borges, M. II. Título.

CDU 821.134.3(817.2)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
UNIDADE 1	7
A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO E A SUA ORIGEM	
A Língua Portuguesa no mundo	
Como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa?	
UNIDADE 2	21
O PORTUGUÊS BRASILEIRO	
UNIDADE 3	32
LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES DE LÍNGUAS INDÍGENAS E AFRICANAS PARA A SUA FORMAÇÃO	
REFERÊNCIAS	46
BIOGRAFIA DAS AUTORAS.....	48

APRESENTAÇÃO

Caro(a) acadêmico(a),

Você está recebendo o Caderno Pedagógico Intercultural da disciplina **História da Língua Portuguesa**, que tem como objetivo ser um espaço para dialogarmos a respeito de como surgiu a língua portuguesa e para que você faça reflexões sobre como se deu a formação dessa língua em nosso país.

Por que estudar a história de uma língua? Qual é a importância de saber como uma língua se formou? Já vamos adiantando que para ensinar uma língua é muito importante conhecer sua história e isso compreende tanto a história interna quanto a externa. A **história interna** trata da evolução estrutural das línguas, as suas mudanças internas, tratando de aspectos da fonética, morfologia, sintaxe e léxico. Exemplo: o “você” em outro momento da história era falado como “vossa mercê”; em outro, como “vosmecê”. Já a **história externa** se relaciona à evolução sociolinguística, considerando os fatores sociais que permitiram as mudanças internas da língua. Por exemplo: o que contribuiu socialmente para que o “vossa mercê” evoluísse para “vosmecê”, até chegar ao atual “você”, que na fala já aparece como “ocê” e até “cê”? Para tratar da história de uma língua não tem como não tratar do social.

Como temos pouco tempo de trabalho, fizemos uma seleção de conteúdos que consideramos fundamentais para a formação do(a) futuro(a) professor(a) indígena, e os dividimos em três unidades.

A **Unidade 1** trata da presença da língua portuguesa no mundo e de onde ela se originou, bem como uma breve discussão sobre a língua latina e sua presença no nosso dia a dia. A **Unidade 2** traz uma discussão sócio-política sobre o português brasileiro, procurando refletir sobre como se deu a formação dessa língua, que já é outra em relação à que o colonizador trouxe, em 1500. A **Unidade 3** faz uma discussão acerca do léxico do português brasileiro, mostrando

contribuições de línguas indígenas e africanas para a sua formação histórica. Traz também sugestões de trabalho com o léxico em sala de aula.

Ao longo do texto, vários questionamentos são propostos, e, ao final de cada unidade, apresentamos algumas atividades para que você possa refletir sobre o conteúdo estudado. Gostaríamos de estar fazendo este trabalho de forma presencial, mas como a pandemia da covid-19 não nos permite, o mais seguro para todos, neste momento, é o estudo de forma remota, em casa. Quando a pandemia passar, poderemos marcar uma conversa no câmpus da Faculdade Indígena Intercultural (Faindi) ou em alguma das comunidades indígenas.

Esperamos que esta disciplina contribua para que você conheça um pouco mais sobre a história desta língua oficial e majoritária em nosso país: o português.

Bons estudos!

Professoras Rejane e Milena

UNIDADE 1

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO E A SUA ORIGEM

Nesta unidade, nossa conversa será sobre a presença da língua portuguesa no mundo e a sua origem. Onde e como ela surgiu? Como foi se espalhando pelo mundo? Além disso, traremos para nosso diálogo um pouco sobre a língua latina, que é considerada a “mãe do português”, e mostraremos como ela está presente no nosso dia a dia.

A Língua Portuguesa no mundo

Em 17 de julho de 1996, foi criada a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), que tem característica jurídica, autonomia financeira e um importante papel político, social e econômico no mundo. Essa comunidade procura estreitar os laços entre os países falantes da língua portuguesa, em quatro diferentes continentes, além de incentivar projetos de promoção e difusão dessa língua.

Conforme dados da página eletrônica dessa comunidade, o número de falantes do português está acima de 250 milhões, o que o torna a sétima língua mais falada no mundo, e isso o reveste de prestígio e relevância política internacional.

Os países em que a língua portuguesa se faz presente como língua oficial são: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste, estando, portanto, nos quatro continentes (Europa, América, África e Ásia), conforme mostra o mapa a seguir:

Línguas oficiais: são aquelas reconhecidas, legitimadas legalmente pelo governo de um dado território como a língua da soberania, do comércio, da administração, do jurídico. Em geral, é a língua oficialmente ensinada nas escolas.



Fonte:

<https://pt.slideshare.net/DeniPMiranda/estudando-a-lusofonia-e-a-variao-linguistica-parte-i>

A situação da língua portuguesa é a mesma para todos esses países? Não! Ela não é a primeira língua de muitos dos habitantes dos países listados acima e é aprendida em diferentes graus. Muitas vezes, ela está lado a lado com línguas locais e é aprendida apenas na escola. Exemplos:

a) em **Portugal** e no **Brasil**, por exemplo, é a língua da grande maioria dos falantes, mas no caso específico do Brasil, grande parte dos povos originários não tem como primeira língua o português, e sim, a língua indígena de sua comunidade;

b) no **continente africano** é diferente, como em **Angola**, onde apenas 30% dos habitantes têm o português como primeira língua. Em Luanda, capital, essa porcentagem sobe para 60%, o que mostra que o português está mais presente nos centros urbanos. Em **Moçambique**, há mais de 40 línguas, sendo o português a língua materna de apenas cerca de 6% da população.

O Brasil é a maior nação de língua portuguesa do mundo, com mais de 200 milhões de pessoas. Além do português, também tem como língua oficial a língua brasileira de sinais (Libras), reconhecida oficialmente em 2012; e no que diz respeito às línguas indígenas, apenas no Estado do Amazonas,

o município de São Gabriel da Cachoeira tem como línguas oficiais, reconhecidas pelo governo brasileiro, as línguas indígenas Tucano, Nheengatu e Baniwa (BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 304).

Este cenário geográfico em que se encontram os países que têm o português como língua oficial é resultado da potência marítima e exploradora que foi Portugal. Entre os séculos XV e XVI, Portugal esteve à frente das grandes navegações, à procura de riquezas e rotas comerciais mais eficazes e econômicas, tendo como suas primeiras ocupações (ou invasões) os arquipélagos (conjunto de ilhas) dos Açores, Madeira e São Tomé e Príncipe, localizados na costa europeia e africana.

Por um lado, essas descobertas e colonizações revelaram o caminho marítimo para as Índias, para a América do Sul (e nesta, o Brasil) e a passagem para o Pacífico, oceano até então desconhecido, além da imposição da cultura e língua do colonizador. Por outro, houve exploração material e pessoal nesses territórios. No caso do Brasil, por exemplo, riqueza vegetal esgotada, metais preciosos extraídos, inúmeros indígenas mortos e escravizados, africanos trazidos para servir de mão de obra escrava sustentando Portugal por vários séculos.

Todos os países que falam o português o falam da mesma forma? É o mesmo português em todos eles? Não, porque o português falado em cada um desses países teve uma história diferente de formação.

Como, onde e quando nasceu a Língua Portuguesa?

A língua portuguesa é uma língua que se originou do latim, e já que ela é “filha do latim”, vamos conversar um pouco sobre essa língua? De qual língua o latim se originou? Onde e quando foi falado? Como foi sua evolução? Por que desapareceu como língua viva? Qual a sua importância histórica? Qual o interesse, hoje, do

conhecimento do latim? Onde e como se deu a passagem do latim ao português?

É importante, mesmo, pensarmos nessas questões sobre a língua-mãe do português? Sim, pois dessa forma, poderemos explicar muito sobre o português, como as irregularidades e exceções.

Para responder a essas e outras questões, a respeito da origem das línguas, os estudos de história e comparação de línguas avançaram e desmitificaram a hipótese **monogenética**, que indicava que todas as línguas derivavam do hebraico, pois havia grande diferença entre as estruturas das línguas que iam sendo estudadas pelos linguistas. Ao descrever e comparar as línguas, os linguistas tinham como objetivo investigar a origem delas e classificá-las, segundo as suas semelhanças, em famílias linguísticas. Entre elas, encontraram a das línguas **indo-europeias**, compostas por diversos ramos, dentre eles o **itálico**, do qual surgiu o **latim**.

Estudar a história das línguas é um trabalho árduo. Para descobrir de onde uma língua se originou é preciso comparar muitas outras. Só por curiosidade, veja a semelhança de algumas palavras que são de línguas que se originaram do indo-europeu, a língua-mãe do latim:

Português	pai	mãe	irmão	lobo
Latim	pater	mater	frater	lupus
Grego Antigo	pater	meter	phrater	lykos
Sânscrito	pitar	matar	bhratar	vrkas
Espanhol	padre	madre	hermano	lobo
Francês	père	mère	frère	loup
Inglês	father	mother	brother	wolf
Alemão	Vater	Mutter	Bruder	Wolf
PIE	*ph ₃ tér	*méh ₃ ter	*bhréh ₃ ter	*wlk ^w os

Fonte: Basso e Gonçalves, 2014, p. 25.

O **latim** foi uma língua falada inicialmente na região central da Itália, chamada de Lácio, durante o primeiro milênio antes de Cristo, local que deu origem à cidade de Roma, sede de um dos maiores impérios da história – o Império Romano. Com as conquistas e expansão desse império, a língua latina foi sendo levada e imposta aos povos derrotados, estendendo-se por grande parte da Europa, pelo norte da África e por diversas regiões da Ásia, como a língua oficial de prestígio, representante do poder do Império e o idioma da escola.

Por ser a língua do Império Romano, era a língua de maior prestígio no mundo, naquele momento, mas com o fim desse império, e com o contato com outras línguas, morreu como língua e deu origem a outras.



Apesar de não ser uma língua viva, o latim pode ser bem visível no dia a dia dos falantes do português, havendo muitas palavras faladas exatamente em latim, por nós: nos nomes científicos dos seres vivos; em nomes de produtos de supermercados; em expressões da área do Direito; em charges etc.

Veja a seguir, palavras e expressões em língua latina em funcionamento no nosso português do dia a dia:

“TRF4 nega **habeas corpus** coletivo que pedia prisão domiciliar para idosos e indígenas presos preventivamente no RS” (TRF4, 23/10/2020).

“Feriado de **Corpus Christi** altera serviços estaduais em municípios nesta semana” (sp.gov.br, 10/06/2020).

O acadêmico pode efetuar matrícula em disciplina ofertada em um dos **Campi** da Unemat.

Intimus

lux



plus vita

vita



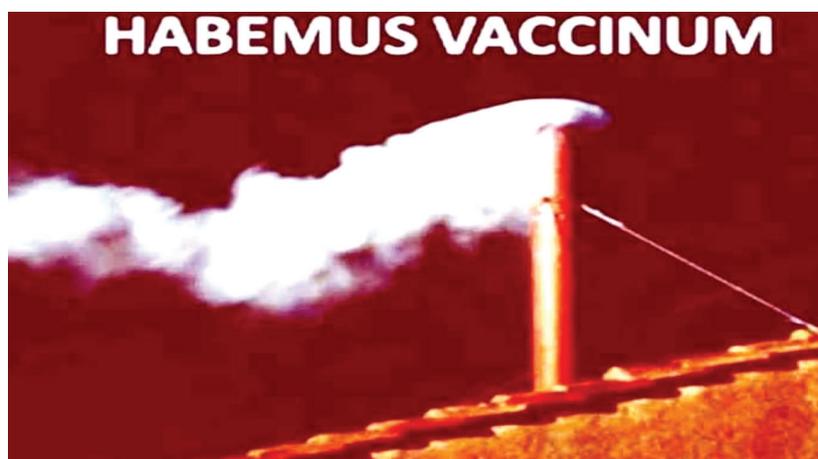
bis



in natura



A charge, a seguir, circulou em redes sociais (Facebook, Instagram, WhatsApp) após a aprovação do uso emergencial da vacina Coronavac, pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), em 17/01/2021:



O significado da expressão em latim que está na charge é “Temos vacina”, e compara o acontecimento à notícia bastante esperada de quando é eleito um novo Papa, ocasião em que se usa a expressão em latim ***Habemus papam***, e uma fumaça branca sai da chaminé da Capela Cistina, no Vaticano (Itália), onde o latim ainda tem muito prestígio. Essa charge sobre a vacina Coronavac é mais um exemplo de como é muito presente, no nosso dia a dia, a língua latina, a mãe do português.

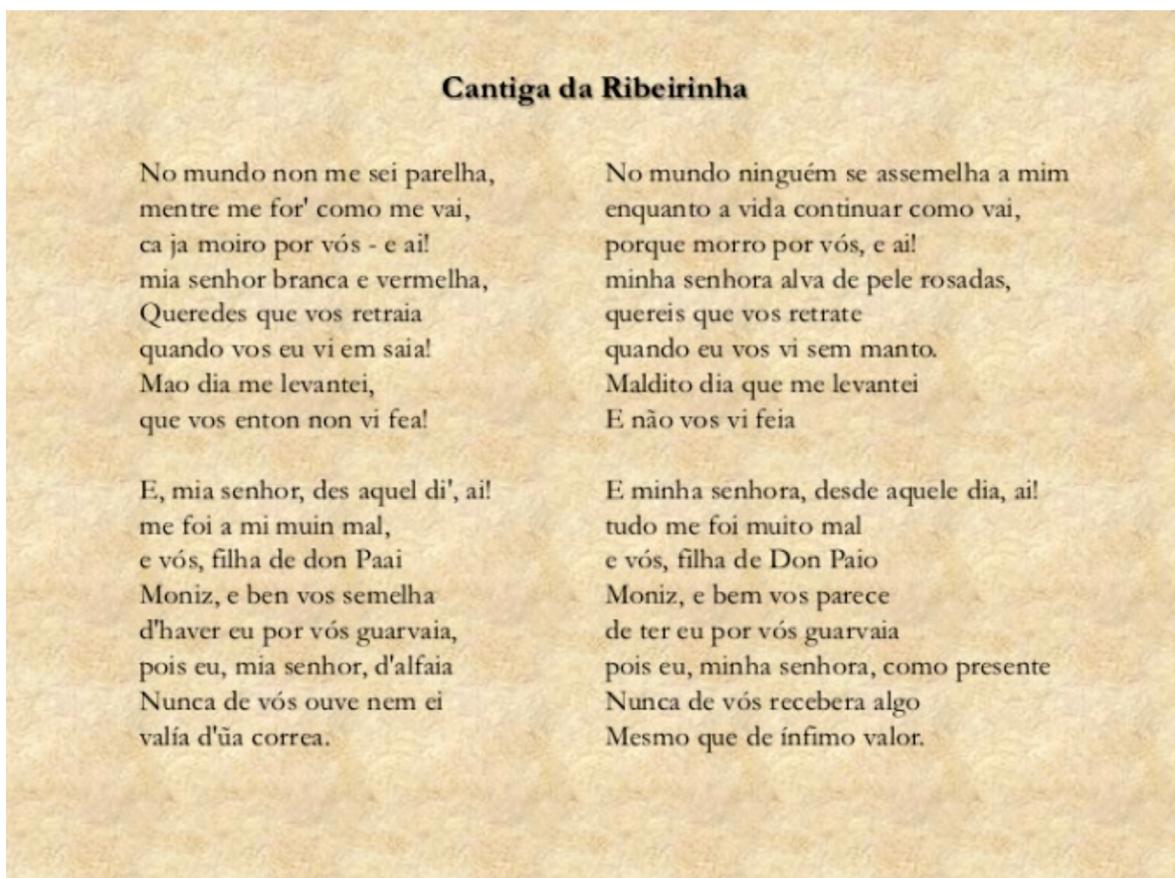
Enquanto foi viva, a língua latina tinha uma variedade que se chamava **latim vulgar**, que era a língua do dia a dia, falada pela maioria das pessoas, e que era a que os soldados romanos levavam em suas conquistas. Esse latim vulgar foi se modificando ao entrar em contato com as línguas dos diferentes lugares para onde foi levado e, com isso, começou a ter características próprias nesses lugares. Exemplo: onde hoje está Portugal, era falado o latim. Com o tempo e contato com as línguas dos povos que lá viveram antes e depois da imposição do latim pelo Império Romano, foi nascendo uma nova língua – o português. Antes de se tornar o português, era só uma variedade do latim, mas chegou um momento em que deixou de ser uma modificação regional do latim, e passou a ser

uma língua independente.

Todas as línguas que nasceram do latim são chamadas de românicas.

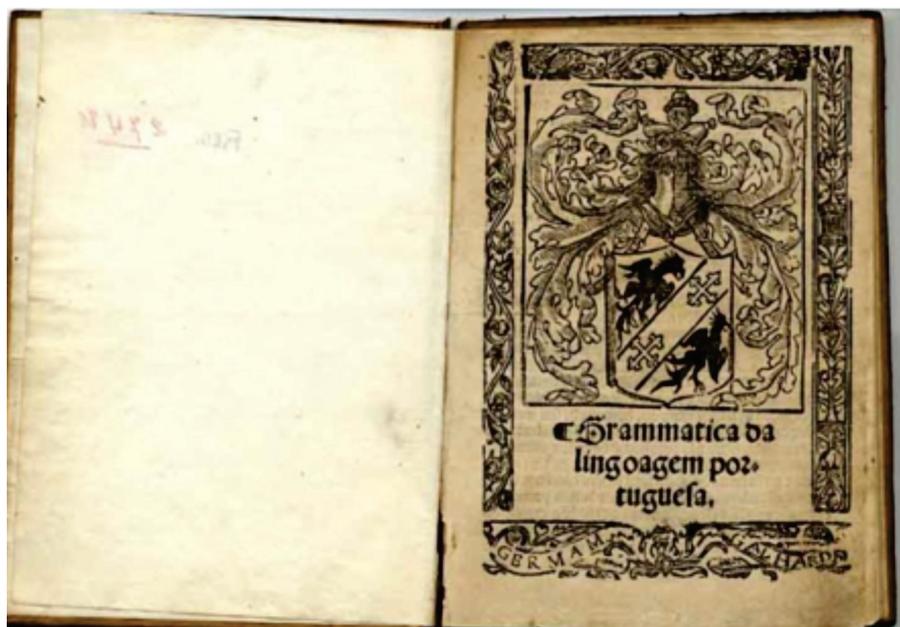
De acordo com Coutinho (1976, p. 41-3), são dez as línguas românicas: português, espanhol, catalão, francês, provençal, italiano, reto-romano ou rético, dalmático (extinta), romeno e sardo.

É importante registrar que, em Portugal, antes de o latim se tornar o português, passou por uma fase chamada galego-português e pode ser estudado em muitos documentos oficiais e textos literários. Veja como era a escrita dessa fase numa poesia lírica primitiva, de Paio Soares de Taveirós, do século XII, mesmo século do nascimento do reino de Portugal. À esquerda, versão em galego-português; à direita, em ortografia atual:



Fonte: <http://escolaluismadureira7.blogspot.com/2019/01/o-primeiro-poema-da-literatura.html>

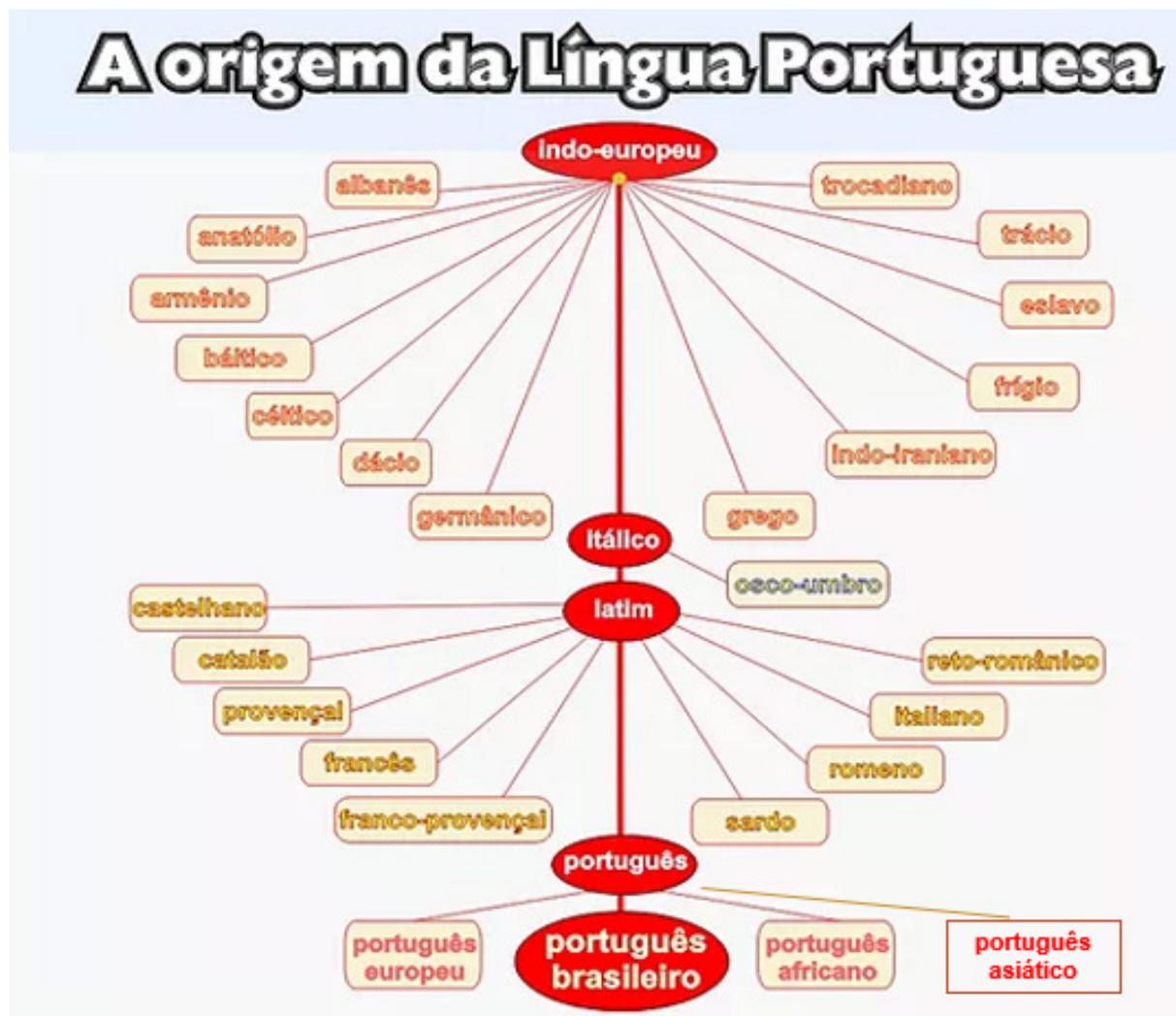
No século XVI, surgem as primeiras gramáticas, dicionários e manuais de ortografia do português. A primeira gramática foi publicada em 1536, por Fernão de Oliveira, com um ideal de soberania linguístico-social, e usou como modelo a gramática da língua latina, que ainda tinha muito prestígio por ter sido a língua do Império Romano.



Capa da primeira gramática da língua portuguesa

Este período (século XVI) coincide com o início das grandes navegações, marcado pelas conquistas territoriais de Portugal, acontecimentos importantes para a consolidação e difusão da língua portuguesa. O contato com diferentes realidades, povos, culturas e línguas exerceu algum impacto, mudanças na língua portuguesa, principalmente em relação ao seu léxico, que incorporou inúmeras palavras originárias desses locais, e é nesse contexto político, histórico e social que os portugueses chegaram ao Brasil, em 1500, onde surgiu o português brasileiro, assunto da próxima unidade.

Por fim, trazemos uma imagem que resume a história da língua portuguesa:



Fonte: <https://monteirodecastro.wixsite.com/genealogia/genealogia-das-linguas>

Agora, para finalizarmos esta unidade, seguem algumas atividades para serem respondidas de forma escrita:

1. Na página seguinte, desenhe uma árvore. No tronco dela, escreva **INDO-EUROPEU**. Faça vários galhos saindo desse tronco. Do lado direito do tronco, num desses galhos, escreva **ITÁLICO**. Desse galho chamado itálico, faça outros galhos e escreva em um deles a palavra **LATIM**. E desse galho chamado latim, faça outros galhos e escreva em um deles a palavra **PORTUGUÊS**. Se quiser colorir, fique à vontade e deixe seu desenho bem colorido. A árvore representará os caminhos da história de algumas línguas que levaram ao surgimento do português.

2. Leia o Artigo 1º da **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, em latim e em três das línguas que são “filhas do latim”, e responda às questões A e B:

Latim: OMNES HOMINES LIBERI ÆQVIQVE DIGNITATE ATQVE IVRIBVS NASCVNTVR. RATIONE CONSCIENTIAQVE PRÆDITI SUNT ET ALII ERGA ALIOS CVM FRATERNITATE SE GERERE DEBENT.
Português: Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.
Castelhano/espanhol: Todos los seres humanos nacen libres e iguales en dignidad y derechos y, dotados como están de razón y conciencia, deben comportarse fraternalmente los unos con los otros.
Galego: Tódolos seres humanos nacen libres e iguais en dignidade e dereitos e, dotados como están de razón e conciencia, débense comportar fraternalmente uns cos outros.

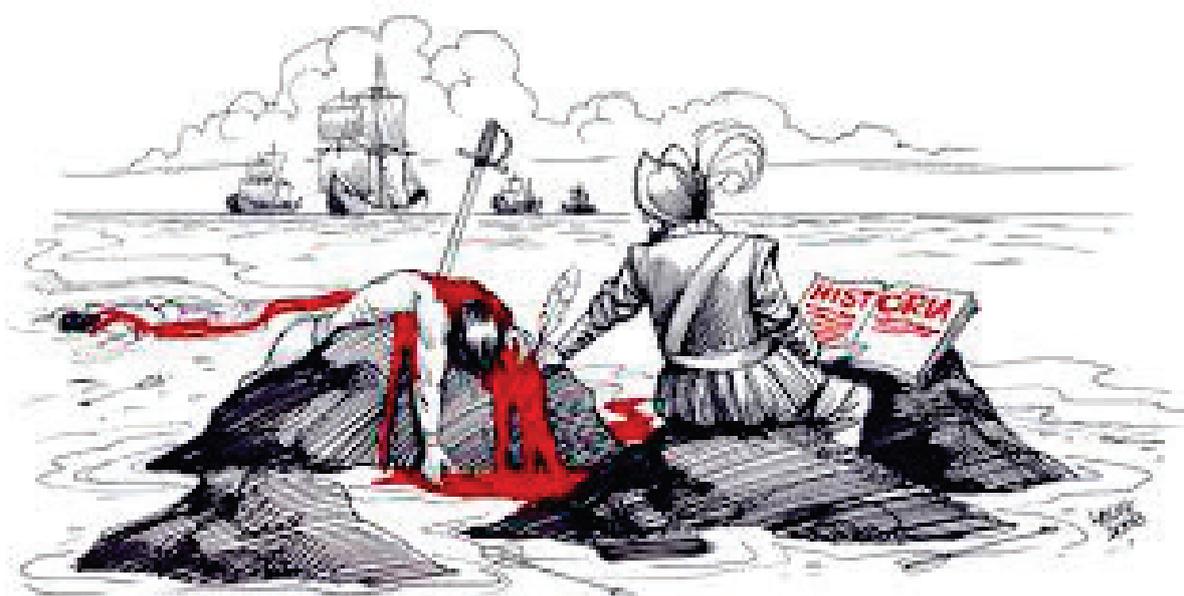
a) Faça uma comparação e escolha 4 palavras que são usadas de forma parecida nas quatro línguas acima e escreva-as no quadro abaixo. Para facilitar, completamos a primeira linha com um exemplo, mostrando a palavra “razão” nas quatro línguas e pintamos de amarelo onde ela aparece no quadro acima. Agora é sua vez! Se quiser pintar também, no primeiro quadro, as palavras escolhidas, ficará ótimo. Escolha uma cor para cada palavra. Se não tiver lápis de cor, apenas circule com lápis de escrever.

	Latim	Português	Castelhano/ Espanhol	Galego
Exemplo	RATIONE	razão	Razón	razón
Palavra 1				
Palavra 2				
Palavra 3				
Palavra 4				

UNIDADE 2

O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nesta unidade, conversaremos com você a respeito do português falado no Brasil. Em que circunstâncias históricas ele se formou? Que línguas contribuíram para a sua formação? Como e quando o português passou a ser língua oficial? Que vozes eram autorizadas a registrar a história da língua pelos textos?



Fonte: <https://imagohistoria.blogspot.com/2017/11/charges-historicas-colonizacao-da.html>

Com a chegada dos portugueses a 22 de abril de 1500, em Pindorama (hoje, Brasil), o primeiro texto histórico a ser produzido foi a Carta de Pero Vaz de Caminha, documento pelo qual se deu a notícia do “descobrimento” da nova terra ao rei de Portugal. Inicia-se, então, uma produção escrita sobre o Brasil denominada Literatura de Informação. Os textos produzidos nesse período trazem a versão do colonizador para o que se conta e se descreve sobre a colônia, e nos ajudam a compreender a história da língua portuguesa, sendo possível ver como era a língua que chegou aqui, em 1500, e que hoje já não é a mesma.

Veja um trecho da carta de Pero Vaz de Caminha, editada por

pesquisadores da Universidade de São Paulo:

Eem tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem (CAMINHA, 2001, p. 79).

Se fôssemos considerar a ortografia dos dias atuais, esse trecho ficaria da seguinte forma: **“E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem”** (edição das autoras). Um pouco diferente do que temos hoje, não é? Isso é porque as línguas mudam com o tempo. Outro aspecto a se destacar é que esse trecho é mais conhecido, na oralidade, nas conversas do dia a dia, como “aqui, em se plantando tudo dá”, mas você viu acima que não foi bem assim que escreveu o autor. Por isso, é importante para o acadêmico conhecer os textos originais. Da forma como passou a ser repetido, permitiu que uma ideia também passasse a ser repetida: a de que se tratava de uma terra fértil e de que tudo que se plantasse aqui, brotaria. Esse é o discurso da exploração e da crença na fertilidade da terra e vai aparecer em muitos textos diferentes, em outros momentos da história.

Em 1576, foi publicada a primeira história sobre o Brasil, em língua portuguesa, denominada *Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil, de Pero de Magalhães de Gândavo*. Nela, essa ideia da fertilidade da terra é repetida. Veja:

[...] a mesma terra he tal, e tam fauorauei aos que a vam buscar, que a todos agasalha e conuida com remedio por pobres e desamparados que sejam (GÂNDAVO, 1576, f. 5r).

Na ortografia de hoje, teríamos: **“[...] a mesma terra é tal, e tão favorável aos que a vão buscar, que a todos agasalha e convida com remédio por pobres e desamparados que sejam”** (edição das autoras). Ou seja: qualquer um que vá para essa terra, a terá como remédio para seus males, fazendo se repetir aquele discurso da exploração e fertilidade da terra, sendo importante para Portugal

que isso se espalhasse. No texto de 1500, divulga-se a necessidade da exploração; no de 1576, em nome dessa necessidade, tenta-se atrair “pobres e desamparados” do reino de Portugal, pois há urgência em povoá-la para assegurar a ocupação.

Em 2011, quando o Brasil recebeu, pela primeira vez, a visita do ex-presidente dos Estados Unidos da América, Barack Obama, foi publicada a seguinte charge:



Fonte: <http://blogdoarretadinho.blogspot.com/2011/11/literatura-brasileira.html>

Ela traz o enunciado inaugural da descoberta (“Terra à vista”), brincando com o sentido de “pagamento à vista ou a prazo com juros enormes”. É como se estivesse chegando mais um explorador, trazido pela ideia de que “aqui, em se plantando tudo dá”, atraído pelas riquezas da terra.

[...] tem-se efeitos de sentidos que nos colocam uma marca de nascença que funcionará ao longo de toda a nossa história: o discurso colonial. É esse processo que faz com que o “ter sido colonizado” deixe de ser uma marca histórica para significar uma essência (ORLANDI, 2008, p. 20).

A discussão que iniciamos nesta unidade tem o objetivo de mostrar para você, acadêmico(a), a importância que tem o estudo de textos históricos. Com eles, podemos aprender não apenas as diferenças no uso da língua, em diferentes fases da história do país, mas também interpretar as ideias que se vão repetindo por séculos e séculos. Como sugestão, deixamos o convite para que você leia textos de diferentes séculos da história do nosso país, tentando verificar que ideias e/ou sentidos eles fazem circular sobre o nativo brasileiro. Será que a imagem do indígena que foi registrada no primeiro documento escrito sobre o país se repete em textos de outras fases da nossa história? Fica essa sugestão.

Para tratar da história de formação do português brasileiro, é preciso se atentar ao conceito de **colonização linguística**:

[...] imposição de ideias linguísticas vigentes na metrópole e um imaginário colonizador enlaçando língua e nação em um projeto único (MARIANI, 2004, p. 25).

Esse “imaginário colonizador” trabalha com a ideologia da falta, justificando que “falta tudo” nesta terra e, por isso, entre as imposições que ocorreram, a da língua do conquistador foi uma delas.

Na obra de Gândavo (1576, p. 33v), temos a seguinte afirmação sobre a língua dos indígenas: “Carece de três letras, convém a saber, não se acha nela, F, nem, L, nem, R coisa digna de espanto, porque assim não tem Fé, nem Lei, nem Rei: e desta maneira vivem desordenadamente sem terem além disto conta, nem peso, nem medida” (edição das autoras). Gândavo afirma que faltam três letras: F, L e R, e, por isso, não havia Fé, Lei e Rei. Pela ausência dos fonemas, que ele toma por letras, indica não haver religião, justiça e governo. Toma como referência o imaginário europeu, não reconhecendo os modos de organização de vida dos povos originários.

E como era o cenário linguístico no período colonial? Muitas

línguas presentes – uma diversidade linguística:

- >> as línguas indígenas (em torno de mil);
- >> o português europeu;
- >> o latim;
- >> as línguas gerais;
- >> o espanhol, o francês e o inglês dos outros exploradores que por aqui também circulavam;
- >> as línguas africanas.

Essas línguas, no entanto, circulavam em diferentes espaços de comunicação e cumpriam distintas funções sociais, como é o caso do latim, mais circunscrito ao domínio religioso e pedagógico das elites ou, ainda, da língua geral, fortemente oralizada e difundida na região de São Paulo e na região Amazônica até o final do século XVIII (MARIANI, 2004, p. 22).

O que era uma **língua geral**? Dizia respeito a uma prática bastante cruel de simplificar a estrutura de línguas que contavam com mais falantes e torná-las comuns para a interação entre todos, servindo como uma espécie de língua franca. “A estratégia das ‘línguas gerais’, que já havia sido empregada pelos portugueses na África e na Ásia, foi usada para poder lidar com o número estonteante de línguas diferentes que havia aqui quando chegaram à América” (BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 212). Duas foram as línguas gerais, usadas no Brasil, pelos portugueses:

- >> uma para o sul e sudeste, chamada **língua geral paulista** (ou tupinambá);
- >> e uma para o norte, chamada **nheengatu** (falada até hoje).

As línguas gerais são então simplificações de uma ou mais línguas usadas por diferentes populações. Essas simplificações se referem em geral à eliminação de irregulares gramaticais e à padronização de formas e estruturas (BASSO; GONÇALVES, 2014, p. 213).

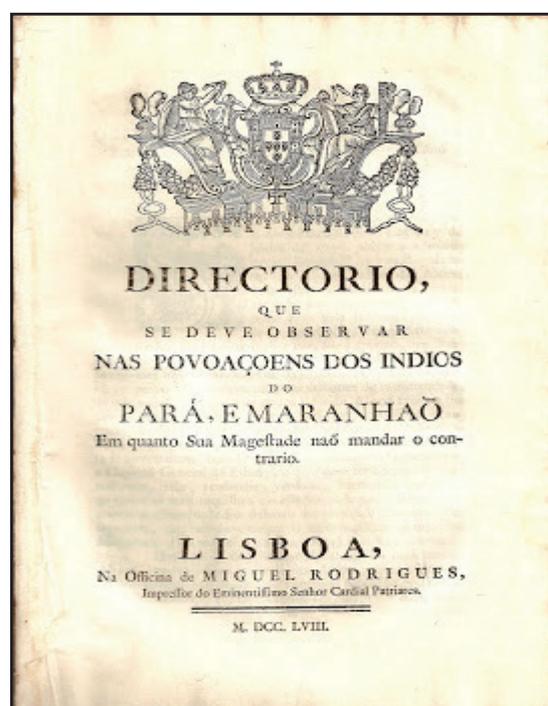
A língua geral paulista foi muito utilizada no início da colonização,

já que era falada na costa brasileira, região inicialmente ocupada pelos colonizadores. Os jesuítas (padres da Companhia de Jesus) se viram na necessidade de aprendê-la e a utilizaram em vários textos bilíngues que escreveram (em português e língua geral), bem como na catequização dos nativos. Em 1595, José de Anchieta publicou uma gramática com a descrição dessa língua, e no século XVIII era a mais falada na costa brasileira.

Como as línguas são instrumentos de poder, a língua geral paulista estava ocupando um lugar de poder (tinha até uma gramática e vários outros textos publicados pelos jesuítas), e isso não foi bem visto. Assim, em 1758 foi publicado um documento chamado *Diretório dos Índios*, por Marquês de Pombal, como “medida civilizatória”, no qual, além de várias determinações a serem seguidas na colônia (como o pagamento de impostos pelos indígenas, conversão de todos ao cristianismo, promoção do casamento entre portugueses e índias), estava a proibição do uso de qualquer língua que não fosse a língua portuguesa.



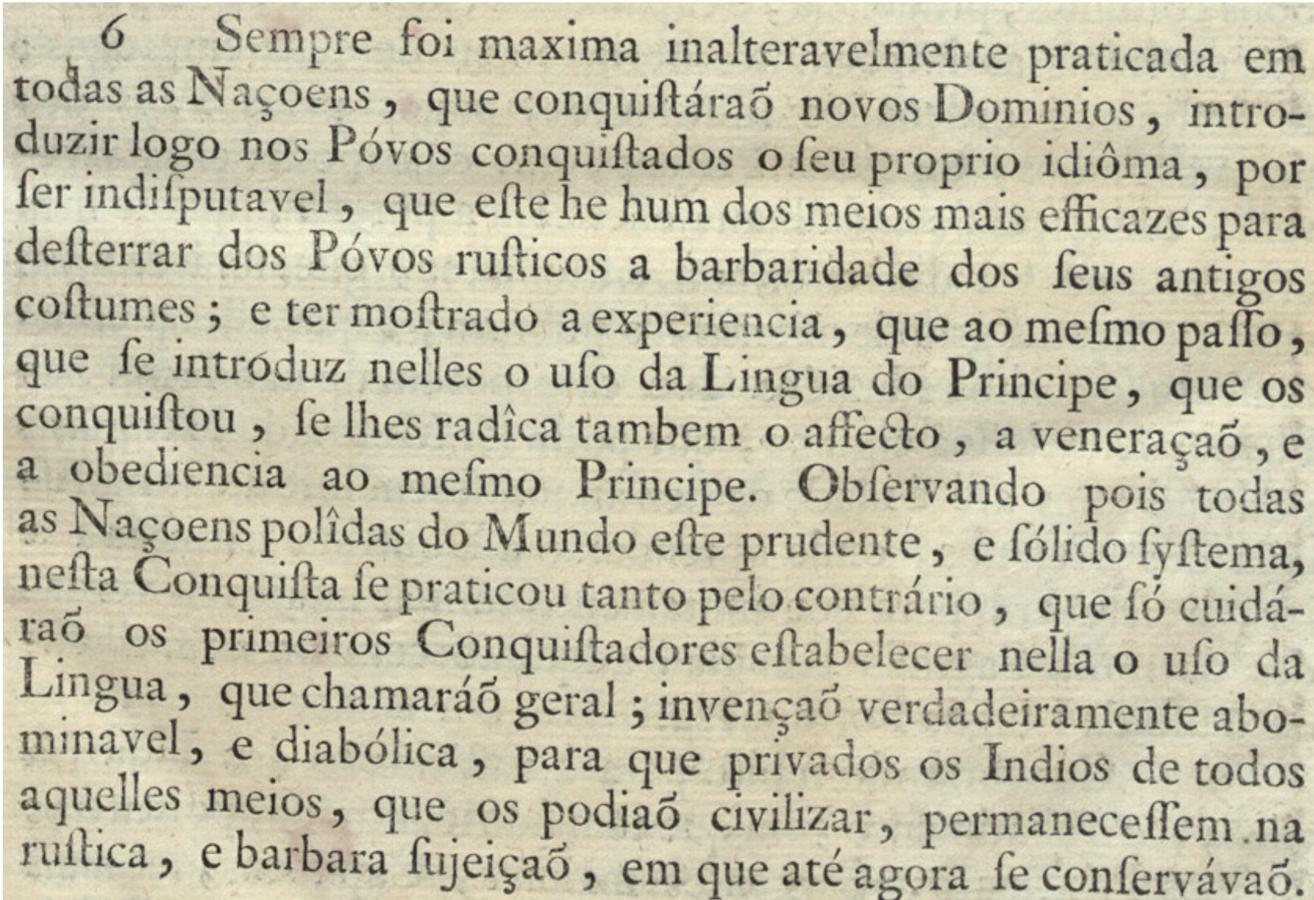
Capa da Gramática do tupinambá
(1595)



Capa do Diretório dos Índios (1758)

Com essa proibição, Marquês de Pombal oficializa o português como língua da nação, e coloca esse documento como um marco de uma política linguística do período colonial, que tem como um dos efeitos a extinção de centenas de línguas indígenas, impedindo, também, o tupi de se tornar uma língua oficial, que poderia estar sendo falada na atualidade por todos os brasileiros, como ocorre no vizinho Paraguai, que tem a língua do colonizador e o guarani como línguas oficiais.

Vamos conhecer o trecho em que essa imposição é feita? Inserimos uma cópia da impressão original para você verificar como era o documento e o emprego da língua portuguesa do século XVIII. Para facilitar a leitura, fizemos uma edição do texto original utilizando a ortografia atual, e o inserimos após a imagem do documento:



6 Sempre foi maxima inalteravelmente praticada em todas as Naçoens, que conquistáraõ novos Dominios, introduzir logo nos Póvos conquistados o seu proprio idiõma, por ser indisputavel, que este he hum dos meios mais efficazes para desterrar dos Póvos rusticos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiencia, que ao mesmo passo, que se intrõduz nelles o uso da Lingua do Principe, que os conquistou, se lhes radica tambem o affecto, a veneraçãõ, e a obediencia ao mesmo Principe. Observando pois todas as Naçoens polidas do Mundo este prudente, e sólido systema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrario, que só cuidáraõ os primeiros Conquistadores estabelecer nella o uso da Lingua, que chamaráõ geral; invençãõ verdadeiramente abominavel, e diabólica, para que privados os Indios de todos aquelles meios, que os podiaõ civilizar, permanecesssem na rustica, e barbara sujeiçãõ, em que até agora se conservávaõ.

Para desterrar este perniciosíssimo abuso, ferá hum dos principaes cuidados dos Directores, estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Lingua Portugueza, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e Meninas, que pertencerem ás Escólas, e todos aquelles Indios, que forem capazes de instrucção nesta materia, usem da Lingua propria das suas Naçoens, ou da chamada geral; mas unicamente da Portugueza, na fórma, que Sua Magestade tem recõmendado em repetidas Ordens, que até agora se não observáraõ com total ruina Espiritual, e Temporal do Estado.

(POMBAL, 1758, p. 3-4)

“Sempre foi máxima inalteravelmente praticada em todas as Nações, que conquistaram novos Domínios, introduzir logo nos Povos conquistados o seu próprio idioma, por ser indisputável, que este é um dos meios mais eficazes para desterrar dos Povos rústicos a barbaridade dos seus antigos costumes; e ter mostrado a experiênciã, que ao mesmo passo, que se introduz neles o uso da língua do Príncipe, que os conquistou, se lhes radica também o afeto, a veneração, e a obediência ao mesmo Príncipe. Observando, pois, todas as Nações polidas do Mundo este prudente, e sólido sistema, nesta Conquista se praticou tanto pelo contrário, que só cuidaram os primeiros Conquistadores estabelecer nela o uso da Língua, que chamaram geral; invenção verdadeiramente abominável, e diabólica, para que privados os Índios de todos aqueles meios, que os podiam civilizar, permanecessem na rústica, e bárbara sujeição, em que até agora se conservavam. Para desterrar este perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Directores, estabelecer nas suas respectivas Povoações o uso da Língua Portuguesa, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da Língua própria das suas Nações, ou da chamada geral; mas unicamente da Portuguesa, na forma, que Sua Magestade

tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual, e Temporal do Estado” (edição das autoras).



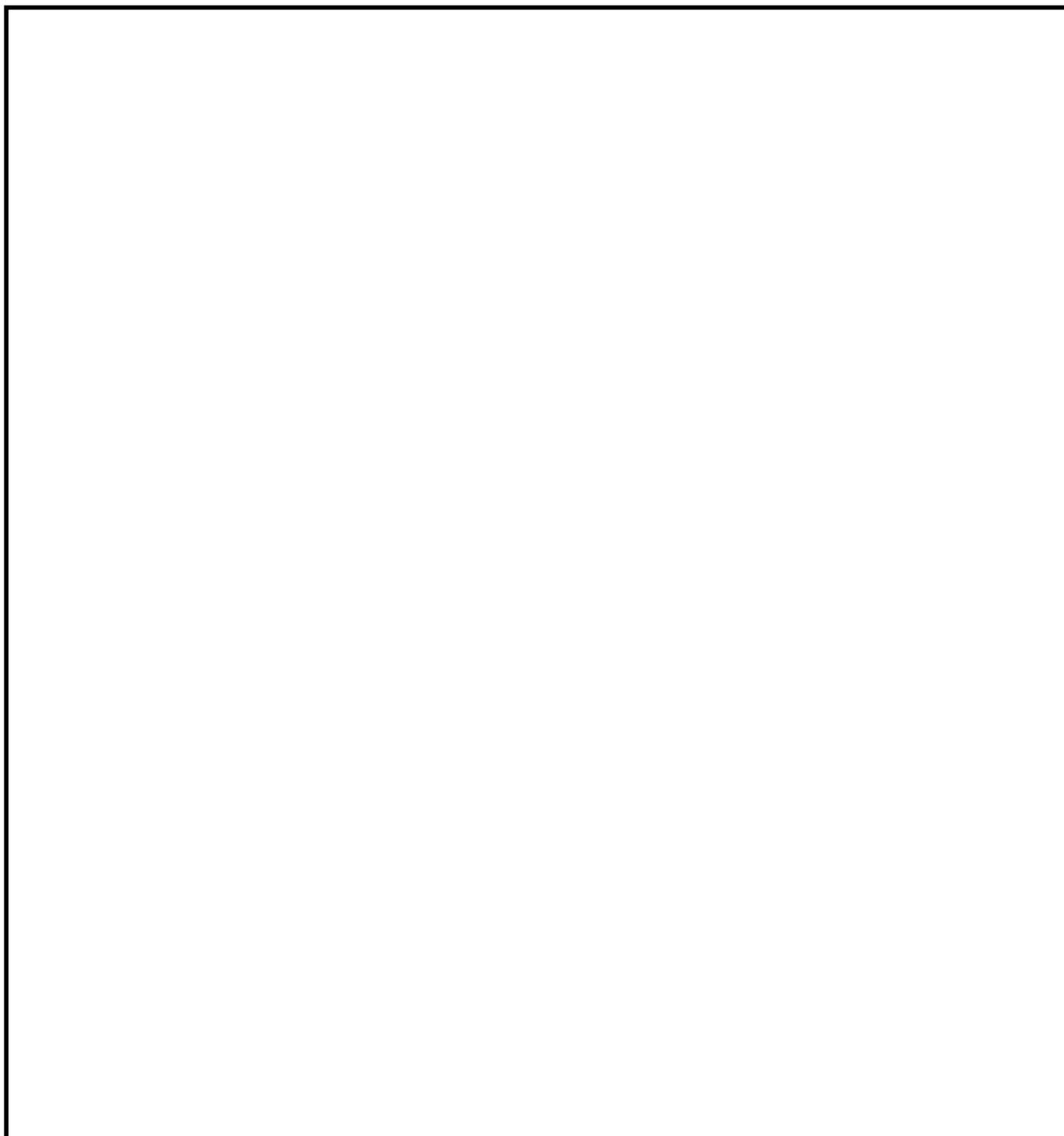
Fonte: <https://www.slideshare.net/rodrigobaglini/frica-colonizacao-e-descolonizacao/2>

Todo esse cenário contribuiu para o surgimento de um português que passou a ter características próprias – o **português brasileiro**.

Os textos produzidos no Brasil passaram a apresentar diferenças em relação ao português de Portugal. Veja o que escreveu o escritor literário Mário de Andrade, numa carta a Câmara Cascudo, no século XX:

Você também está escrevendo brasileiro. Procure vivificar ainda mais esse propósito. Lembre-se que o português não pode ser, tal como ritmado em Portugal, o nosso meio de expressão: outra terra, clima, novos costumes, preocupações, ideais. Aliás nós não herdamos de Portugal uma língua: herdamos uma gramática. Foi o que marcou por muito tempo a ideia de sermos sintaticamente, vocabularmente nacionais. O preconceito ainda perdura mesmo nos mais francos...

2. Nos livros de história que são distribuídos nas escolas, vemos imagens diversas que representam a chegada do colonizador às terras brasileiras. Algumas delas, mostram um contato bem pacífico, inclusive. Faça um desenho que represente a imagem que você gostaria que fosse inserida nos livros didáticos, para ensinar sobre a colonização, representando o momento da chegada dos portugueses, no dia 22 de abril de 1500, como se fosse a foto da chegada. Ao invés de “Terra à vista”, o que você escreveria?



UNIDADE 3

LÉXICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CONTRIBUIÇÕES DE LÍNGUAS INDÍGENAS E AFRICANAS PARA A SUA FORMAÇÃO

Nesta unidade, iremos conversar sobre o léxico do português brasileiro: as línguas indígenas e africanas tiveram importância em sua formação histórica? Como podemos trabalhar esse conteúdo em sala de aula?

O que é **léxico**?

O léxico de uma língua, numa definição mais geral, pode ser visto como o amplo repertório de palavras de uma língua, ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação (ANTUNES, 2012, p. 27).

LÉXICO  palavras de uma língua

Quando os colonizadores portugueses chegaram em nosso país, em 1500, muito do que viram não tinha nome na língua deles, pois seus referentes eram específicos daqui, como itens relacionados à fauna e à flora brasileiras. Então, utilizaram palavras de línguas indígenas para essa nomeação. Por exemplo: sucuri, seriema, jacarandá.

Muitas cidades, vilas e povoações também receberam nomes indígenas. Nesse caso, dizemos que essas palavras são topônimos. Exemplos: Itu, Piracicaba, Anhembi, Acre, Araraquara, Ipanema.

Topônimos: “Nomes próprios de lugares ou acidentes geográficos. Os topônimos são muito importantes na história de qualquer língua como testemunhas das línguas sucessivas que vigoraram no país” (CÂMARA Jr., 2007, p. 290).

Com isso, palavras de diversas línguas dos povos originários foram sendo incluídas no léxico de quem falava o português do

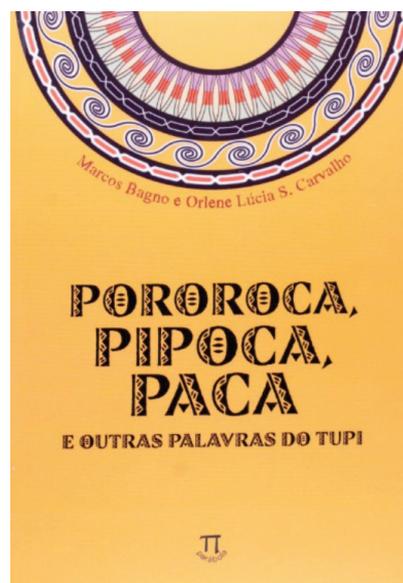
Brasil. Algumas delas, inclusive, foram para Portugal, naquele período, quando alguns colonizadores para lá voltavam.

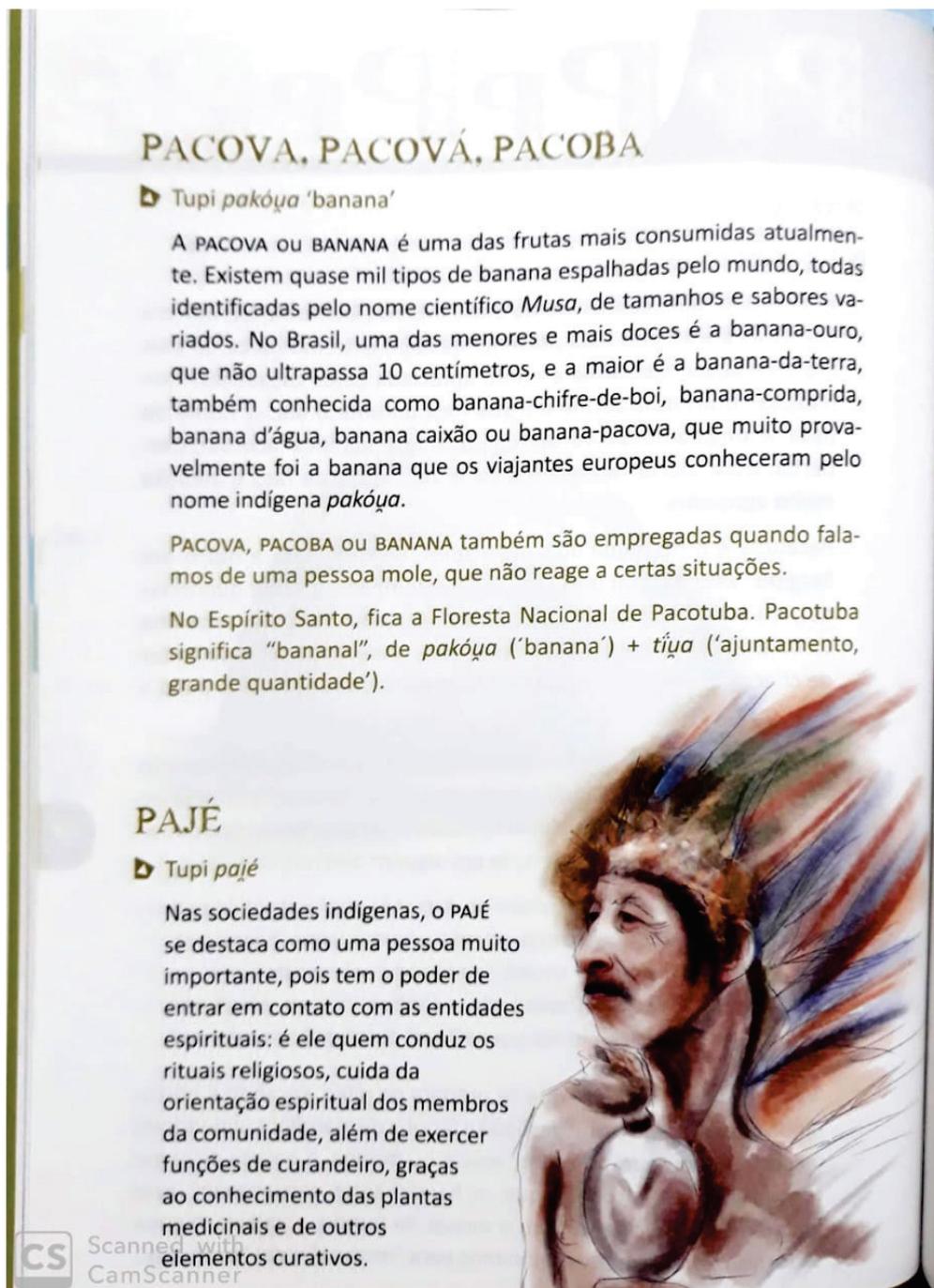
O tupi foi uma das línguas que mais deixaram contribuição ao léxico do português brasileiro, por ter sido uma das principais línguas de contato entre os europeus e os indígenas, no início da colonização, já que era muito falada no litoral brasileiro, onde a ocupação portuguesa começou a se dar; e também, “por causa principalmente dos bandeirantes paulistas, que denominavam com palavras tupis os locais e acidentes geográficos em seu caminho sertão adentro” (BAGNO, 2011, p. 231).

Se calcula em torno de dez mil os vocábulos de origem tupi empregados na nossa língua. A maioria deles se refere à flora e à fauna e a características ecológicas, geológicas e hidrológicas do Brasil (BAGNO, 2011, p. 231).

Sugerimos a leitura do livro **Pororoca, Pipoca, Paca e outras palavras do tupi**, dos linguistas Marcos Bagno e Orlene Carvalho. Nele, os autores listam palavras que são originárias do tupi e estão no português brasileiro, com uma descrição para cada um dos seus referentes. Alguns verbetes contam com ilustração, inclusive.

Veja uma das páginas:





(BAGNO; CARVALHO, 2014, p. 92).

Se você tiver acesso à internet, assista ao documentário **“Ainda que eu falasse a língua dos índios”**. Nele, pesquisadores de várias partes do nosso país (inclusive, a diretora da Faindi, Profa. Dra. Mônica Cidele da Cruz) falam da importância das línguas indígenas. Está disponível em: https://m.youtube.com/watch?feature=share&v=xI79PneM_a0

Muitas são as palavras de línguas indígenas que estão no

léxico do português do Brasil, mas não foram apenas essas línguas que contribuíram para a formação deste “repertório de palavras”. A partir de 1538, se inicia o tráfico de pessoas da África para trabalharem como mão de obra escrava no Brasil, e com elas vieram suas línguas, cultura, religião. Assim, palavras dessas línguas foram se inserindo ao português, e como os grupos de escravos eram levados para todas as regiões do Brasil, conforme os diferentes ciclos econômicos, eles foram responsáveis por fazerem circular diversas variantes do português do Brasil.

Entre as línguas africanas presentes no período colonial, a maioria delas era da família **banta**, como o quimbundo, o umbundo e o quicongo. “A contribuição lexical dessas línguas ao PB é notável: utilizamos diariamente uma grande quantidade de palavras de origem banta sem nos darmos conta disso”:

agogô	babá	babaca	babaquara	babau	bafafá	bagunça
balangandã	bamba	bangué	banguela	banzé	banzo	baticum
batuque	beleléu	berimbau	biboca	bidu	bimba	binga
boboca	bololô	bozó	brucutu	bumba	bunda	cabaça
cabaço	caçamba	caçaça	cachimbo	cacimba	caçua	caçula
cafofo	cafuçu	cafundó	cafuné	cafungar	cafuringa	cafuzo
calango	calombo	calundu	calunga	cambada	cambembe	camumbembe
camundongo	candango	candoblé	candonga	canga	cangaço	cangalha
canjica	capanga	capenga	carimbo	caruru	catimba	catina
catota	caxambu	caxinguelê	caxixi	caxumba	cochilar	conga
coroca	cotó	cuca	cuíca	curiango	curinga	cutuba
dendê	dengo	dunga	encabular	encafifar	fiofó	fuá
fubá	fungar	fuxico	fuzuê	galalau	ganzá	ginga
iaiá	imbondo	inhaca	jagunço	jiló	lelé	lengalenga
lundu	maconha	maculelê	macumba	mafuá	malungo	mambembe
mandinga	maracutaia	marimbondo	maromba	maxixe	meganha	miçanga
milonga	minhoca	mocambo	mocó	mocotó	molambo	moleque
mondongo	monjolo	moqueca	moringa	muamba	mucama	munganga
mungunzá	murundu	muvuca	muxiba	muxoxo	olelê, olalá	pitoco
pongar	quenga	quiabo	quibebe	quilombo	quindim	quitanda
quitute	quixó	quizila	quizumba	sacana	samba	senzala
songamonga	sunga	tabaca	tanga	tipoia	titica	tribufu
tunga	tutu	umbanda	vatapá	xibiu	xibungo	ximbica
xingar	xinxim	xoxota	zabumba	zangar	zanzar	ziquizira

CS Scanned with CamScanner
[Fonte: Yeda Pessoa de Castro, *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2ª ed., 2006.]

(BAGNO, 2011, p. 238)

Veja como é importante entender a história externa para a compreensão de aspectos da história interna da uma língua.

É impossível desconsiderar o impacto dos africanos sobre o PB quando as fontes históricas nos informam que durante a maior parte da história colonial do Brasil a população branca era extremamente minoritária, enquanto a população negra e mestiça – sobretudo depois do quase extermínio das nações indígenas – representava a ampla maioria (BAGNO, 2011, p. 237).

Essa contribuição das línguas indígenas e africanas à formação do léxico do português do Brasil não é do conhecimento de muitos dos falantes. Por isso, é importante falar sobre esse conteúdo nas escolas, em aulas de língua portuguesa, para que aspectos relacionados à origem das palavras da língua fiquem conhecidos. Não tratar disso é contribuir para que a importância de outras línguas na formação do nosso português continue apagada, que é o que se repete no discurso do colonizador. Para esse discurso eurocêntrico, a língua que falamos é a dos colonizadores, no entanto, se tratam de línguas diferentes. E o léxico ajuda a tornar isso visível.

E na escola? Como fazer para tratar desse assunto? Vamos pensar em nossos alunos...

Segundo Antunes (2012, p. 27): “Ao lado da gramática [...], o léxico constitui o outro grande componente da língua. Se é verdade que não existe língua sem gramática, mais verdade ainda é que sem léxico não há língua. As palavras são a matéria-prima com que construímos nossas ações de linguagem”. No entanto, ele não é muito ensinado nas escolas, como a gramática, dando-se prioridade aos estudos gramaticais, de forma geral. Estudar o léxico nas escolas de comunidades indígenas, por exemplo, pode ser muito importante não apenas para mostrar a presença das palavras indígenas no português, mas também para desenvolver trabalhos com as línguas locais. Uma alternativa bem interessante

para os alunos são jogos didáticos, pois eles podem aprender brincando.

A seguir, um CAÇA-PALAVRAS. Neste jogo, o desafio é encontrar as palavras listadas no meio das letras embaralhadas e circulá-las. Pode ser feito com lápis de cor, para tornar tudo mais colorido. O professor seleciona uma temática, escolhe as palavras e organiza o quadro com estas. Para montar o quadro, utilizamos a seguinte página da internet que cria caça-palavras:

<https://www.geniol.com.br/palavras/caca-palavras/criador/>

Se tiver computador e internet à disposição, fica bem fácil. Basta digitar as palavras em lista e escolher o nível do jogo. Em seguida, imprimir. Se não tiver internet, é possível criar manualmente e, depois, fazer cópias. Para o jogo que está neste material, selecionamos palavras relacionadas à fauna brasileira e colocamos o nível “fácil”. É fundamental elaborar um comando com os detalhes, pois nele estará contido seu objetivo, que, neste caso, é dar a conhecer palavras do tupi presentes no português brasileiro. O professor define se será competitivo ou não; se haverá disputa para saber quem encontrará os nomes primeiro, ou não. Lembrando que o comando está considerando uma aula presencial, com todos os alunos fazendo a atividade ao mesmo tempo. O comando pode ser adaptado a cada situação de ensino. Veja como ficou:

Vamos brincar? No caça-palavras abaixo, há dezesseis nomes em português, originados da língua tupi, para nomear animais da fauna brasileira. Encontre-os e circule com lápis colorido. Risque os nomes que for encontrando. Quem encontrar todos os nomes primeiro, será o vencedor do jogo! \o/

CUTIA – JABUTI – JARARACA – JIBOIA – MURIÇOCA – MUTUM –
PACA – PIRARUCU – PITU – SAGUI – SERIEMA – SUCURI – TAMANDUÁ
– TATU – TUCUNARÉ – URUBU

S	E	R	I	E	M	A	J	S	M	T	H
O	A	N	T	P	I	R	A	R	U	C	U
U	S	S	E	A	S	F	R	M	W	S	P
R	M	N	F	T	A	M	A	N	D	U	Á
U	P	I	H	R	G	R	R	F	A	C	M
B	I	T	U	C	U	N	A	R	É	U	U
U	T	T	J	A	I	D	C	R	C	R	T
M	U	R	I	Ç	O	C	A	S	T	I	U
P	T	I	B	V	T	L	O	G	E	L	M
A	C	R	O	E	A	C	E	S	C	A	L
C	U	T	I	A	T	T	H	R	V	F	E
A	I	J	A	B	U	T	I	L	I	U	D

A sugestão que apresentamos foi para propor atividades com palavras de línguas que contribuíram para a formação do português do Brasil. Muitas outras brincadeiras podem ser adaptadas para explorar o léxico das línguas: Palavras Cruzadas, Jogo da Memória,

Charadas, Bingo, Jogo da Velha, entre outras. Abuse da criatividade!

Não apenas para jogos com palavras pode ser levado o léxico para a sala de aula, mas também, para o trabalho com textos, como por exemplo, os literários, sendo o léxico fundamental para se verificar o jogo de sentido das palavras num poema ou conto. Pode-se verificar como as palavras são selecionadas para tratar da mesma temática, em textos de séculos diferentes, em perspectiva histórica.

No período literário denominado Romantismo, ocorrido entre o final do século XVIII e parte do século XIX, vários escritores exaltaram a identidade brasileira em sua produção literária, representando o indígena como o legítimo brasileiro. José de Alencar foi um destes escritores. Convidamos você para ler as obras literárias **Ubirajara**, **Iracema** e **O Guarani** e, pela leitura, verificar como o emprego do léxico pode contribuir para a produção de sentidos dos textos. A seleção das palavras (escolhas lexicais) é fundamental para este trabalho de representação do índio. Fica o convite!



Esperamos que tenha aprendido um pouco da história da língua portuguesa e da importância de tratar da contribuição das línguas indígenas e africanas para a formação do português brasileiro. A história da língua e a história social não se separam, e é importante para o professor indígena não apenas falar o português, mas entender sobre como essa língua se formou e como as línguas indígenas foram importantes nesse processo da sua formação histórica.

[...] a língua portuguesa pode ser, para os povos indígenas, um instrumento de defesa de seus direitos legais, econômicos e políticos; um meio para ampliar o seu conhecimento e o da humanidade; um recurso para serem reconhecidos e respeitados, nacional e internacionalmente, em suas diversidades, e um canal importante para se relacionarem entre si e para firmarem posições políticas comuns (BRASIL, 1998, p. 123).

Para finalizar, mais algumas atividades:

1. No mapa a seguir, você pode ler o nome de várias palavras do português brasileiro que são de origem indígena.



Fonte: Google imagens

Você sabia que todas essas palavras do mapa são de origem indígena?

() Sim () Não

Risque com lápis de cor as que você já sabia que eram de línguas indígenas. Se não tiver lápis de cor, use lápis de escrever.

2. Você poderia escrever outras palavras utilizadas no português do Brasil que são de origem indígena? Vamos lá! Escreva três palavras para cada item abaixo. Atenção. São palavras que estão no léxico do português brasileiro, mas são de origem indígena.

Animais			
Plantas			
Comidas			
Objetos			
Nome de pessoas			
Topônimos			

5. Faça desenhos que representem sua cultura e escreva seus nomes em língua portuguesa e na língua da sua comunidade. Se você não souber os nomes em português, escreva apenas na língua indígena. Se não souber em língua indígena, escreva apenas em português. Se preferir, use lápis de cor ou material equivalente para colorir.



6. Agora, queremos que você escreva um relato. Relatar é contar. Escreva sobre como é o uso do português em sua comunidade. É falado como segunda língua ou língua materna? As crianças aprendem apenas na escola ou com os familiares, em casa? Inicie sua resposta informando seu nome, sua comunidade e qual é a língua indígena local. As duas línguas são faladas por todos? Há mais línguas faladas pela comunidade? Em que situações os falantes usam o português e a língua indígena? Fique à vontade para inserir mais informações que considerar importantes.

Valeu!!!
:)

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, Marcos. História do português brasileiro. In: _____. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

_____; CARVALHO, Orlene Lúcia de Saboia. **Pororoca, pipoca, paca e outras palavras do tupi**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BASSO, Renato Miguel; GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. **História concisa da língua portuguesa**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 26. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta**: reprodução fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale. 2. ed. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP, 2001.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

GANDAVO, Pero de Magalhães de. **Historia da prouincia Sãcta Cruz a que vulgarmete chamamos Brasil**. Lisboa: Officina de Antonio Gonsalvez, 1576. Disponível em: <http://purl.pt/121>. Acesso em: 02 abr. 2012.

MARIANI, Bethania. **Colonização linguística**. Campinas (SP): Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Terra à vista – Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2. ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 2008.

POMBAL, Marquês de. **Directorio que se deve observar nas povoaçoens dos Índios do Pará, e Maranhão Em quanto sua Mageftade não manda o contrario**. 1758. Disponível em: <http://purl.pt/27170>

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BIOGRAFIA DAS AUTORAS



Rejane Centurion é doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e professora de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Atualmente, exerce a função de coordenadora do curso de Letras do Câmpus Universitário de Tangará da Serra, onde coordena o projeto de ensino “PIBID/Língua Portuguesa” e participa de projetos de pesquisa e extensão sobre o estudo e ensino da língua

portuguesa.

E-mail: rejanecenturion@unemat.br



Milena Borges é professora de Língua Portuguesa na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, coordena o projeto de pesquisa “Investigação de práticas de letramento – uma interface com a extensão” e participa do Projeto de Extensão Universitária “Letramentos

suportados por plataformas digitais”.

E-mail: milena@unemat.br



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

